

QUANDO A IDENTIDADE É UM PERIGO: MUTAÇÕES IDENTITÁRIAS NA REFINARIA DE SINES¹

Paulo Granjo

Pode uma mutação nas identidades socioprofissionais tornar-se um factor de perigo industrial? Inesperadamente, sim. Um grupo de trabalhadores fulcral na refinaria de Sines, o dos “operadores de consola”, está em pleno processo de recusa de uma identidade “operária” e de construção de uma alternativa. Busca-a por oposição a outro grupo, considerado indiscutivelmente operário, e enfatizando as vertentes técnica e hierárquica das suas funções. Ao fazê-lo, distancia-se da visão não probabilística do perigo e do quadro de representações e valores que os operários inculcam nos novatos, e que servem depois de base aos mecanismos de precaução que aplicam e à neutralização de outros factores sociais de perigo. De um obstáculo à indução de perigos acrescidos, os operadores de consola parecem estar a tornar-se, por este processo, um factor que a favorece.

A ausência de surpresas é uma estranha e habitual característica das análises sociais acerca de perigos tecnológicos. Também as razões para que tal aconteça são, afinal, pouco surpreendentes.

Passar a equacionar “factores sociais”, quando se estudam perigos, constituiu uma pequena revolução, face à anterior prática de restringir a sua análise aos factores estritamente técnicos – reduzindo as pessoas a meras fontes de “erros humanos” que emperravam o normal funcionamento da racionalidade técnico-científica e da sua materialização em máquinas e fábricas.²

Não obstante, essa introdução do social naquilo que era antes encarado como uma equação de engenharia instaurou, apenas, uma relativa ruptura na lógica académica e técnica de abordagem do aleatório. De facto, quase sempre a análise de “factores sociais” se desenrolou de forma fragmentar e, até há pouco, assumindo o conceito de “risco” (e a sua manipulação por parte dos sujeitos) como critério de racionalidade na relação do Homem com a ameaça. Analisaram-se então, enquanto objectos autónomos, as características localizadas ou a variabilidade social de aspectos como a percepção do risco, a sua representação e valorização, a racionalidade da sua aceitação ou recusa, os processos da sua integração no quotidiano, as dinâmicas das situações de

¹ O material empírico que serve de base ao presente artigo decorre de uma pesquisa na refinaria de Sines realizada no âmbito do CEAS (ISCTE) e financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que igualmente concedeu ao autor uma Bolsa de Doutoramento ao abrigo do Programa Praxis XXI.

² Na sedimentação dessa mudança, deverá ser salientada a importância de Douglas e Wildavsky (1982) e de Fabiani e Theys (1987).